

O que é um "CAFÉ"?



JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO

Conta uma lenda que um pastor da Etiópia, chamado Kaldi, notou que as suas cabras ficavam mais alegres e espertas quando comiam algumas frutinhas vermelhas de um arbusto. Resolveu experimentá-las também e percebeu que com o consumo daquele fruto ele ficava mais bem disposto para o trabalho. Há o registro de que no séc. VI, já sabendo disso, um monge usou a fruta como infusão, com sucesso, para conseguir ficar acordado à noite e rezar. Desde então o café começou a tomar forma e a viajar pelo Oriente, até chegar à Pérsia. Acredita-se que os primeiros a torrar as grãos foram os árabes, que espalharam o costume pelo mundo, com o nome de "Kahwah", que na língua dels quer dizer Força. Há, também, uma lenda muçumana registrando que foi o Arcanjo Gabriel quem criou o café, para dar forças a Maomé, que após bebê-lo, derrubou quarenta cavaleiros e conquistou igual número de damas. Mas foi graças aos holandeses, a partir do séc. XVII, que o café ficou conhecido no mundo, consumido inicialmente como remédio para vários males. A partir daquele século, gradativamente, o café passou a ser uma bebida popular no velho continente e nas novas terras que vinham sendo colonizadas.

Mas o que é um "Café", o estabelecimento comercial também denominado cafeteria? Ora, devia ser um lugar onde, como o próprio nome diz, se consumisse o produto obtido do fruto da rubiácea... Mas o lugar passou, a partir da tradição francesa, a denominar o local público onde se reúnem pessoas, onde se bebe e se discute quase de tudo. É o local de onde podem nascer revoluções, amores ou, ainda, onde se pode até reinventar o mundo. As cafeterias desenvolveram-se na Europa, enquanto florescia o Iluminismo e se planejava a Revolução Francesa. Durante tardes inteiras, jovens reuniam-se em torno de várias xícaras de café, discutindo o destino das nações, declamando poemas, lendo livros ou simplesmente passando o tempo. Nas antigas "Kaffehaus", na Alemanha, a bebida uniu-se à música: entre as orquestras que tocavam nesses locais destacava-se a Collegium, de Leipzig. Em 1732, seu diretor, Johann Sebastian Bach, consumidor da bebida, compôs a célebre

"Cantata ao Café", cujo libretto possui os seguintes versos: "...como é doce o sabor do café! Delicioso como milhares de beijos, mais doce que vinho mascate... ah, café, eu preciso de café! Se alguém quiser me agradar, então que me sirva um pouco de café!"

A origem da planta em terras brasileiras tem um que de mistério e de sedução: Francisco de Mello Palheta, sargento-mor das tropas portuguesas, em 1727, foi enviado para resolver uma questão diplomática na Guiana. Na volta deveria contrabandear sementes ou mudas de café, as quais, naquela época, estavam proibidas aos portugueses. Cumpriu bem as duas missões: os franceses reconheceram as fronteiras brasileiras e ele, depois de seduzir Madame Claude d'Orville, esposa do governador, conseguiu dela as sementes e mudas que foram trazidas para o Brasil.

Aqui, nesta "mui nobre e bela São João d'El-Rey das muitas Minas Geraes", nos tempos de antanho, os Cafés já foram os tradicionais cenáculos de irrequietaos boêmios, estudantes, artistas, bancários, rapazes do esporte, funcionários públicos, comerciantes... Naqueles movimentados Cafés tomava-se de tudo, inclusive café: Café Java, Popular, Ideal, Avenida, Brasil, República, Ipiranga, Guarany, do Sr. Queiroz, Antártica e Rio de Janeiro... nobres pontos de encontro da nossa sociedade e que agrigavam desde os cidadãos puritanos até os mais ousados. Neste início de século XXI os são-joanenses, felizmente, passam a ter a opção de voltarem a reunir em Cafés para (re)encontrar os amigos e discutir os acontecimentos do dia, assim como Sartre, Camus, Hemingway, entre tantos outros, que se sentavam em Cafés parisienses para beber, discutir e tentar mudar o mundo.

Que estes novos espaços que vêm surgindo em nossa cidade, inspirados na melhor tradição parisiense, possam ser transformados num memorável ponto de encontro de amigos, onde se discuta o esporte e a cultura, a filosofia e a arte, a política e a religião, com uma boa prosa regada a café, principalmente. Que estes espaços possam também vir a ser o palco da feliz recuperação do exercício do nosso pensamento, da nossa crítica e da construção da nossa razão, possibilitando dias melhores para o nosso povo e para esta mui amada cidade de São João del-Rei!

Jornal de Minas

(São João del-Rei - MG, ano III, edição 46, de segunda quinzena de setembro/2004, pág. 2)